

## Instalações

# A irrigação que dá lucro

Pecuarista deve saber exatamente como usar o sistema, para não amargar prejuízo.

**Mônica Costa**

**P**roduzir leite com baixo custo o ano inteiro é a meta de todo pecuarista, e a irrigação é uma grande aliada nisso. A tecnologia pode triplicar a produção de volumoso, reduzindo a demanda por concentrados; além disso, os períodos de seca ou os veranicos deixam de ser um risco. A irrigação permite, ainda, que as forragens estejam disponíveis para o gado por até 240 dias por ano, ante 180 dias sem irrigação no Sudeste. No Sul, o sistema

permite o uso da sobressemeadura com forrageiras de inverno (aveia e avevém), estendendo o período de pastejo de qualidade para até 300 dias.

Estima-se, porém, que apenas 15% das áreas de pastagem do País sejam irrigadas, algo entre 4,5 milhões e 5 milhões de hectares, para um potencial de 30 milhões de ha. A baixa demanda é reflexo do pouco conhecimento da técnica. Além disso, muitos instalam o sistema sem assistência técnica, elevando o risco de

prejuízo. “A assessoria técnica é fundamental para garantir o aumento da produtividade e o uso racional de água e energia. O especialista também deve

rá ficar atento ao Código Florestal e à requisição de outorga para uso da água”, diz o engenheiro agrônomo Fernando Campos

Mendonça, professor da Esalq/USP, em Piracicaba, SP. Mas o cumprimento da burocracia e a

contratação de um especialista não são suficientes para garantir o tão sonhado aumento na produtividade leiteira.



“A irrigação só vai colaborar para o aumento da produtividade se a propriedade já utilizar o pastejo rotacionado e manter alta lotação por hectare”, diz o engenheiro agrônomo João Rosseto Jr., sócio-proprietário da Agrodinâmica Consultoria e Planejamento em Cerqueira Cesar, SP. Antes de irrigar o pasto, o pecuarista deve



aplicar tecnologias que promovam altas produções de forragem, como correção da fertilidade do solo com base em análise química; escolha da forrageira mais adequada; semeadura em nível para evitar erosões; adubações de manutenção e cobertura para as plantas, além de combater pragas e doenças.

A instalação de um sistema de irrigação tem um custo médio de R\$ 6.000 por hectare, por isso é importante que mantenha o maior número de animais por hectare para garantir o retorno. “Isso reduz custos na produção, porque os valores gastos com energia para funcionamento do sistema serão divididos pelo volume de litros de leite produzido na área”, diz Rosseto. Segundo ele, o acionamento de um motor de 2 cavalos por 10 horas diárias para irrigar de 1 hectare custa, em média, R\$ 3. Ao fim de um mês, se neste espaço houver apenas dois animais (2 UA/ha) com produção diária de 12 litros de leite, o pecuarista terá o custo de R\$ 90/ha ou R\$ 45 por vaca e faturamento bruto de R\$ 792 com a venda do leite produzido, com o litro a R\$ 1,10. Mas se a lotação for de dez animais, por exemplo, o investimento será reduzido para R\$ 9/UA com produção que renderá R\$ 3.960.

Segundo Mendonça, a pastagem irrigada garante o aumento da lotação animal de 2 a 4 vacas/ha e pode trazer retornos acima de 50% sobre o custo da irrigação. Para saber se o sistema tem sido eficiente e lucrativo o pecuarista deve multiplicar o aumento da produção de leite por área pelo lucro obtido na venda de cada litro de leite e comparar com o custo de irrigação. Como exemplo, Mendonça usa os dados de uma fazenda participante do projeto Balde Cheio, onde o custo



O produtor Antônio Machado e sua família: irrigação sem assistência técnica deu prejuízo.

médio mensal da irrigação foi de R\$ 152,75/ha. O sistema permitiu o aumento de 2 vacas por hectare, com produção de 12 litros de leite/dia/vaca. O leite deu lucro de R\$ 0,30/litro e, ao fim de um mês, o pecuarista lucrou R\$ 219/ha, 43% mais que o custo da irrigação.

Como permite o aproveitamento de pequenas áreas, a prática tem sido adotada na maioria das 5.000 propriedades participantes do projeto Balde Cheio. São agricultores familiares que possuem rebanhos com menos de dez animais em áreas inferiores a 1 hectare. Em todos os casos, foi necessário o levantamento de informações sobre as condições climáticas da região, como índice pluviométrico, balanço hídrico, temperaturas e incidência de geadas; das condições do solo, como fertilidade, capacidade de retenção de água, profundidade e drenagem, e a estrutura da fazenda, como fontes de água e capacidade de vazão nos períodos de seca e disponibilidade de mão de obra. “Esses dados só podem

ser apontados por um profissional especializado em sistemas de irrigação”, diz o zootecnista Adilson de Paula Almeida Aguiar, sócio-fundador da Consuppec, Consultoria e Planeja-

mento Pecuarário de Uberaba, MG.

Em Parnaíba, a 360 km de Teresina, capital do Piauí, o produtor Antônio Carlos de Carvalho Machado decidiu iniciar o projeto sozinho e investiu cerca de R\$ 2.600 (em valores atuais) para instalar um sistema de irrigação em malha em 1 hectare de pasto de capim elefante para alimentar o rebanho composto por 25 animais, dos quais 11 eram vacas em lactação.

Mas a produção diária, que era de 90 litros em média (8,18 l/vaca/dia), não aumentava. “Muitos produtores instalam os sistemas de irrigação mas não conhecem as condições hidráulicas do terreno, o que pode provocar a erosão se o gotejamento é insuficiente ou alagamento se a vazão for maior que o necessário”, diz Rosseto. “Sem conhecimento técnico, o pecuarista estava perdendo dinheiro”, continua Francisco José Gomes Júnior, coordenador do programa Balde Cheio no Estado.

A assistência técnica à propriedade teve início em 2009. “Uma das primeiras medidas foi a introdução do tifton, que é uma forragem mais adequada ao pastejo intensivo rotacionado”, informou. Foram investidos mais R\$ 1.040 para estender o sistema de irrigação

“A irrigação só vai colaborar para o aumento da produtividade se a propriedade já utilizar o pastejo rotacionado e manter alta lotação por hectare”, diz o engenheiro agrônomo João Rosseto Jr., sócio-proprietário da Agrodinâmica Consultoria e Planejamento em Cerqueira Cesar, SP. Antes de irrigar o pasto, o pecuarista deve



aplicar tecnologias que promovam altas produções de forragem, como correção da fertilidade do solo com base em análise química; escolha da forrageira mais adequada; semeadura em nível para evitar erosões; adubações de manutenção e cobertura para as plantas, além de combater pragas e doenças.

A instalação de um sistema de irrigação tem um custo médio de R\$ 6.000 por hectare, por isso é importante que mantenha o maior número de animais por hectare para garantir o retorno. “Isso reduz custos na produção, porque os valores gastos com energia para funcionamento do sistema serão divididos pelo volume de litros de leite produzido na área”, diz Rosseto. Segundo ele, o acionamento de um motor de 2 cavalos por 10 horas diárias para irrigar de 1 hectare custa, em média, R\$ 3. Ao fim de um mês, se neste espaço houver apenas dois animais (2 UA/ha) com produção diária de 12 litros de leite, o pecuarista terá o custo de R\$ 90/ha ou R\$ 45 por vaca e faturamento bruto de R\$ 792 com a venda do leite produzido, com o litro a R\$ 1,10. Mas se a lotação for de dez animais, por exemplo, o investimento será reduzido para R\$ 9/UA com produção que renderá R\$ 3.960.

Segundo Mendonça, a pastagem irrigada garante o aumento da lotação animal de 2 a 4 vacas/ha e pode trazer retornos acima de 50% sobre o custo da irrigação. Para saber se o sistema tem sido eficiente e lucrativo o pecuarista deve multiplicar o aumento da produção de leite por área pelo lucro obtido na venda de cada litro de leite e comparar com o custo de irrigação. Como exemplo, Mendonça usa os dados de uma fazenda participante do projeto Balde Cheio, onde o custo



O produtor Antônio Machado e sua família: irrigação sem assistência técnica deu prejuízo.

médio mensal da irrigação foi de R\$ 152,75/ha. O sistema permitiu o aumento de 2 vacas por hectare, com produção de 12 litros de leite/dia/vaca. O leite deu lucro de R\$ 0,30/litro e, ao fim de um mês, o pecuarista lucrou R\$ 219/ha, 43% mais que o custo da irrigação.

Como permite o aproveitamento de pequenas áreas, a prática tem sido adotada na maioria das 5.000 propriedades participantes do projeto Balde Cheio. São agricultores familiares que possuem rebanhos com menos de dez animais em áreas inferiores a 1 hectare. Em todos os casos, foi necessário o levantamento de informações sobre as condições climáticas da região, como índice pluviométrico, balanço hídrico, temperaturas e incidência de geadas; das condições do solo, como fertilidade, capacidade de retenção de água, profundidade e drenagem, e a estrutura da fazenda, como fontes de água e capacidade de vazão nos períodos de seca e disponibilidade de mão de obra. “Esses dados só podem

ser apontados por um profissional especializado em sistemas de irrigação”, diz o zootecnista Adilson de Paula Almeida Aguiar, sócio-fundador da Consuppec, Consultoria e Planeja-

mento Pecuarário de Uberaba, MG.

Em Parnaíba, a 360 km de Teresina, capital do Piauí, o produtor Antônio Carlos de Carvalho Machado decidiu iniciar o projeto sozinho e investiu cerca de R\$ 2.600 (em valores atuais) para instalar um sistema de irrigação em malha em 1 hectare de pasto de capim elefante para alimentar o rebanho composto por 25 animais, dos quais 11 eram vacas em lactação.

Mas a produção diária, que era de 90 litros em média (8,18 l/vaca/dia), não aumentava. “Muitos produtores instalam os sistemas de irrigação mas não conhecem as condições hidráulicas do terreno, o que pode provocar a erosão se o gotejamento é insuficiente ou alagamento se a vazão for maior que o necessário”, diz Rosseto. “Sem conhecimento técnico, o pecuarista estava perdendo dinheiro”, continua Francisco José Gomes Júnior, coordenador do programa Balde Cheio no Estado.

A assistência técnica à propriedade teve início em 2009. “Uma das primeiras medidas foi a introdução do tifton, que é uma forragem mais adequada ao pastejo intensivo rotacionado”, informou. Foram investidos mais R\$ 1.040 para estender o sistema de irrigação